

RECONSTRUÇÃO SEGURA: a recuperação florestal na adaptação do Rio Grande do Sul à nova realidade climática

Há três meses, o Rio Grande do Sul enfrentou o maior desastre climático da sua história: foram 471 cidades atingidas por enchentes que tiraram 600 mil pessoas de suas casas. Para que a reconstrução do estado, agora em curso, aconteça de forma segura e eficaz, a recuperação da vegetação nativa deve estar entre as prioridades dos governos estadual e federal. Assim, as áreas recuperadas cumprirão seu papel como promotoras de serviços ecossistêmicos fundamentais para a moderação de eventos climáticos extremos.

Ciclos hidrológicos mais estáveis; conservação do solo e redução de processos erosivos e dos riscos de deslizamento; manutenção da biodiversidade e dos habitats naturais para a vida silvestre são alguns desses serviços, cuja ausência se fez sentir na dimensão da tragédia que acometeu o estado gaúcho.

Os números ao lado são um recorte dos dados levantados pelo estudo “Os bons frutos da recuperação florestal”, lançado pelo Instituto Escolhas em 2023. Eles **revelam quanto é preciso recuperar, quanto custa e que benefícios esse investimento pode trazer para o Rio Grande do Sul em longo prazo.**

1 QUANTO É PRECISO RECUPERAR?

O Rio Grande do Sul tem

1,16 MILHÃO DE HECTARES PARA RECUPERAR

em áreas de preservação permanente (APP) e reserva legal (RL).

386,4 MIL HECTARES

podem ser destinados à **produção**



773,6 MIL HECTARES

devem receber intervenções apenas com o objetivo de recompor a vegetação nativa



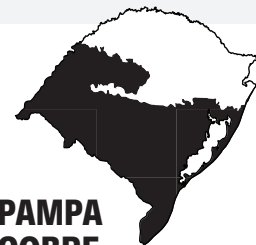
MADEIRA

→ Manejo florestal



ALIMENTO

→ Sistema agroflorestal (SAF)



**PAMPA
COBRE
2/3 DO ESTADO**

O Pampa concentra o maior déficit de vegetação do estado

751,3 MIL HECTARES

301,7 mil hectares em APP



449,5 mil hectares em Reserva Legal

Na Mata Atlântica o déficit é de

414 MIL HECTARES

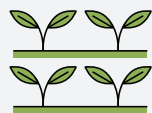
divididos igualmente entre APP e RL

2 QUANTO CUSTA?

Para a adequação ambiental da paisagem do Rio Grande do Sul seria necessário investir

R\$ 19,7 BILHÕES

conforme simulações feitas no estudo, que consideram a adoção de dois modelos com viés produtivo e um modelo com objetivos estritamente ecológicos



1 BILHÃO DE MUDAS

são necessárias para a recomposição da vegetação com os métodos propostos, o que exige investimentos neste setor específico já que, atualmente, não há, no Brasil, viveiros com capacidade instalada para atendimento desta quantia.

Investimento e retorno na adoção dos modelos produtivos como método de restauração

↓ INVESTIMENTO
R\$ 12,4 BILHÕES



↑ RETORNO
R\$ 62 BILHÕES



5X MAIOR

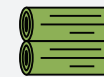
3 QUAIS OS BENEFÍCIOS?

Os sistemas com viés produtivo contribuem para movimentar suas respectivas cadeias e **estima-se que possam produzir nos próximos 30 anos:**



9,45 MI

de toneladas de alimentos nos SAFs



97,7 MI

de m³ de madeira para múltiplos usos

A partir do estabelecimento destes sistemas **seriam gerados**

ATÉ O 3º ANO

38,4 MIL EMPREGOS

no processo de produção de mudas

265,2 MIL EMPREGOS

na implantação dos modelos das áreas de preservação permanente e reserva legal

AO LONGO DE 30 ANOS

90,4 MIL EMPREGOS

no manejo dos SAFs e dos sistemas madeireiros

Considerando todas as fases, a **recuperação florestal do RS geraria**

355,6 MIL EMPREGOS

A implementação das propostas do estudo removeria 270 milhões de toneladas de carbono atmosférico ao longo de 30 anos. Média de:



232,2 tCO2 REMOVIDOS

para cada hectare restaurado